

CAVAQUINHO

Excertos do Capítulo “Cavaquinho” do Livro: Instrumentos Musicais Populares Portugueses de Ernesto Veiga de Oliveira. Ed: Fundação Calouste Gulbenkian

O cavaquinho é um cordofone popular de pequenas dimensões, do tipo da viola, de tampos chatos — e portanto também da família das guitarras europeias —, caixa de duplo bojo e pequeno enfranque, e de quatro cordas, de tripa ou metálicas — de «arame» (ou seja aço) —, conforme os gostos, presas, nas formas tradicionais, em cima, a cravelhas de madeira dorsais, e, em baixo, no cavalete colado a meio do bojo inferior do tampo, pelo sistema que descrevemos a propósito da viola. Além deste nome, encontramos ainda, para o mesmo instrumento ou outros com ele relacionados, as designações de machinho, machim, machete (que parece ser uma palavra arcaica, caída em desuso, e subsistente nas Ilhas e no Brasil), manchête ou marchête, braguinha ou braguinho, cavaco, etc., que a seguir analisaremos.

Dentro da categoria geral com aquelas características, **existem actualmente em Portugal continental dois tipos principais de cavaquinho**, que correspondem a outras tantas áreas: **o tipo minhoto, e o tipo de Lisboa**.

É sem dúvida fundamentalmente no Minho que, hoje, o cavaquinho aparece como espécie tipicamente popular, ligada às formas essenciais da música característica dessa Província. O cavaquinho minhoto tem a escala rasa com o tampo, como a viola, e doze trastos; a boca da caixa é, no caso corrente, de «raia», por vezes com recortes para baixo; mas aparecem também cavaquinhos de boca redonda.

As dimensões do instrumento variam pouco de caso para caso: num exemplar comum elas são de 52 cm de comprimento total, dos quais 12 para a cabeça, 17 para o braço, e 23 para a caixa; a largura do bojo maior é de 15 cm, e a do menor, 11; a parte vibrante das cordas, da pestana ao cavalete, mede 33 cm. A altura da caixa é menos constante; na generalidade dos casos regula por 5 cm, mas aparecem com frequência cavaquinhos muito baixos, que têm um som mais gritante (e a que, em terras de Basto e noutras regiões minhotas, chamam machinhos).

Os cavaquinhos minhotos são construídos por essa indústria violeira que referimos, localizada outrora sobretudo em Guimarães e Braga, e, hoje, no Porto e arredores de Braga. Em Guimarães, já no século XVII se construíam também estes instrumentos e o Regimento para o ofício de violeiro, de Guimarães, de 1719, menciona, entre as espécies então ali fabricadas, machinhos de quatro e outros de cinco cordas.

As madeiras variam conforme a qualidade do instrumento: os melhores tampos são em pinho de Flandres; mais correntemente, eles são em tília ou choupo; e as ilhargas e o fundo são em tília, nogueira ou cerejeira. Em regra, os tampos são de uma folha única daquelas madeiras

que apontamos, mas, não raro, fazem-se cavaquinhos em que a metade superior do tampo é em pau preto; as ilhargas e o fundo são também, muitas vezes, nesta madeira. Braço, cabeça ou cravelhal, são em amieiro; a cabeça ou cravelhal é geralmente muito recortada, segundo moldes variados e característicos. Rebordos e boca são sempre avivados e enriquecidos com frisos decorativos. Os cavaletes são quase sempre em pau preto; e já o Regimento de Guimarães, de 1719 assim os indica para as violas.

O cavaquinho é um dos instrumentos favoritos e mais populares das rusgas minhotas, e, como estas e como o género musical que lhe é específico, tem carácter exclusiva e acentuadamente lúdico e festivo, com radical exclusão de usos cerimoniais ou austeros. Não há ainda muitas dezenas de anos, rara era a casa rural do concelho de Guimarães onde ele não existisse e não fosse tocado. Pode-se usar sozinho, como instrumento harmónico, para acompanhamento do canto; mais frequentemente, porém, aparece com a viola, e muitas vezes ainda com outros instrumentos — nomeadamente o violão, a guitarra, a rabeca, o banjolim e a harmónica ou acordeão, e mais os percutivos, tambor, ferrinhos e reco-recos — próprios desses conjuntos festivos. Em terras de Basto e de Amarante faz-se uma distinção muito nítida entre o instrumental do tipo da rusga, para as canas-verdes e malhões, que compreende o cavaquinho, viola, violão, hoje harmónicas e acordeões, bombo e ferrinhos, e o do tipo da chula ou vareira, que compreende a rabeca (e hoje, em vez dela, por vezes, a harmónica), violas (uma alta em tom de guitarra, e outra baixa), violões, assurdinados no sexto ou sétimo ponto, bombo e ferrinhos, mas não cavaquinhos. Vê-se assim que, na região, o cavaquinho alterna com a rabeca chuleira as funções de instrumento agudo, conforme os casos. O cavaquinho geralmente toca-se de rasgado, com os quatro dedos menores da mão direita, ou apenas com o polegar e o indicador, como instrumento harmónico; mas um bom tocador, com os dedos menores da mão esquerda sobre as cordas agudas, desenha aí a parte cantante que se destaca sobre o rasgado, ao mesmo tempo que as cordas graves fazem o acompanhamento em acordes. Ele tem um grande número de afinações, que, como sucede com a viola, variam conforme as terras, as formas musicais e até os tocadores; geralmente, para tocar em conjunto, o cavaquinho afina pela viola; a corda mais aguda põe-se na máxima altura aguda possível (M. 5).

(...)

O cavaquinho, de tipo minhoto, com escala rasa com o tampo e doze trastos, ainda em fins do século passado era bastante frequente na região de Coimbra, figurando, ao lado da viola, nas mãos do povo e, nomeadamente, nos festejos do S. João, nas fogueiras da cidade, junto com a guitarra, pandeiro e ferrinhos, e nas serenatas da Academia, com largas referências, sob o

nome de machinho, na «Macarronea»³³⁵. Há poucos decénios, ele ainda se via nessas ocasiões, mas então já em casos raros, e sobretudo tocado por estudantes minhotos³³⁶. O cavaquinho de Coimbra afinava, de acordo com a viola da região, mi⁴ -si³ -sol³ -ré³ (do agudo para o grave); um exemplar da autoria de António dos Santos — outro antigo violeiro famoso coimbrão, na Rua Direita —, e que se encontra no Museu Nacional de Machado de Castro, naquela cidade, mede 50 cm de comprimento total, sendo 9,5 de cabeça, 17 de braço e 23,5 de caixa (com 23,5 da pestana ao cavalete); o bojo superior tem 10,5 cm de largura, e o inferior 13,5; a cinta tem 7,8 cm; a altura da caixa é de 3 cm em cima, e de 3,4 cm em baixo. Ele parece pois ser ali uma espécie local, que porém se extinguiu do mesmo modo que a viola, suplantados pela guitarra. E, de facto, esse exemplar de António dos Santos, dessa época, atesta não só o seu uso mas mesmo o fabrico regional³³⁷.

(...)

Finalmente, nas ilhas Hawai existe um instrumento igual ao cavaquinho — o «ukulele» —, que parece, na verdade, ter sido para ali levado pelos portugueses. Como o nosso cavaquinho, o «ukulele» havaiano tem quatro cordas e a mesma forma geral do cavaquinho; certos violeiros fazem-no com o braço em ressalto e dezassete trastos, como a generalidade dos cordofones desta família, e como o cavaquinho de Lisboa, da Madeira e do Brasil; mas há «ukuleles» de fabrico inglês do tipo do cavaquinho minhoto, de braço raso com o tampo e apenas 12 trastos. A sua afinação natural é, do agudo para o grave, lá⁴ -mi⁴ -dó⁴ -sol³ ou si⁴ -fá sus⁴ -ré⁴ -lá³, ou ainda mi⁴ -si³ -sol³ -ré³, como indicam certos manuais ingleses. Carlos Santos e Eduardo Pereira referem-se à divulgação do braguinha por todo o mundo, graças ao turismo e ao cinema, e sobretudo à exportação e à emigração dos colonos ilhéus para as Américas, do Norte e do Sul, ilhas Sandwich, etc.; citam mesmo alguns dos primeiros exportadores que, nos princípios deste século, os enviaram, a pedido, para Barbados, Demerara e Trinidad³⁴⁵.

De facto, o cavaquinho, ou braguinha, foi introduzido em Hawai por um madeirense de nome João Fernandes, nascido na Madeira em 1854, e que foi da sua ilha para Honolulu no barco à vela «Ravenscrag» num contingente de emigrantes — 419 pessoas, incluindo crianças —, com destino às plantações de açúcar, numa viagem pela rota do cabo Horn que demorou quatro meses e vinte e dois dias. Entre esses emigrantes vinham cinco homens que ficaram ligados à história da introdução do cavaquinho em Hawai: dois bons tocadores, o mencionado João Fernandes (que tocava também rajão e viola) e José Luís Correia; e três construtores, Manuel Nunes, Augusto Dias e José do Espírito Santo.

O «Ravenscrag» chega a Honolulu a 23 de Agosto de 1879, e João Fernandes (segundo um relato feito à revista *Paradise of the Pacific*, de Janeiro de 1922), ao desembarcar, trazia na mão um braguinha, pertencente a outro emigrante também passageiro do «Ravenscrag», João

Soares da Silva, que porém não sabia tocar e o emprestara a João Fernandes para que este entretivesse os demais companheiros na longa viagem até Hawai. Os havaianos, quando ouviram João Fernandes tocar o pequeno instrumento, ficaram encantados, e deram-lhe logo o nome de «ukulele» que significa «pulga saltadora», figurando o modo peculiar como é tocado. Depois de os recém-chegados estarem instalados, todos os naturais queriam que João Fernandes tocasse, o que ele fazia gostosamente — em danças, festas, serenatas, etc., tendo depois formado um conjunto com Augusto Dias e João Luís Correia. Tocou assim para o rei Kalakaua, em especial na festa do seu aniversário, para a rainha Emma e a rainha Lilinokalani, no palácio de Ilakla e no pavilhão de verão, de Iolani, que era um centro de música, dança e cultura.

O «ukulele» tornou-se extremamente popular em Honolulu, e Manuel Nunes, na fábrica e loja de móveis que abrira na King Street, passou a construir esses instrumentos, que não sabia tocar, mas que passava a João Fernandes para que este tocasse, e as pessoas reuniam-se à porta da sua oficina para o ouvirem.

Com o tempo os havaianos aperceberam-se de que o instrumento não era difícil de tocar, e começaram a comprar os exemplares ali construídos, cujo preço era então de 5 dólares. Esta actividade de Manuel Nunes — que, na tradição oral da sua família, desde então radicada em Honolulu, se iniciou logo a seguir à sua chegada — está documentada desde 1884; na mesma altura, Augusto Dias abre, pelo seu lado, uma loja de fabrico e venda de «ukuleles»; e o mesmo faz José do Espírito Santo em 1888. Estes três primeiros violeiros passaram a utilizar as madeiras locais de Kou e Koa, com as quais construíram instrumentos de muito boa qualidade.

Manuel Nunes deixou descendentes em Hawai e um seu bisneto, o Senhor Leslie Nunes, grande cultor do «ukulele», e autor de um pequeno trabalho sobre as suas origens, e a quem devemos os informes que aqui utilizamos, julga que é o seu bisavô quem está na origem da sua difusão nessas ilhas, e seguidamente nos Estados Unidos³⁴⁶. Nunes é o nome de família dos mais famosos construtores madeirenses de instrumentos de corda, nomeadamente Octaviano João Nunes (que ofereceu um braguinha da sua autoria à imperatriz Elisabeth da Áustria, que se encontra no museu de Viena), e seu sobrinho João Nunes «Diabinho». Segundo nos informou um sobrinho deste último, o Senhor Bartolomeu de Abreu, nem um nem outro daqueles construtores acompanhou porém os seus conterrâneos no referido movimento emigratório, nem estiveram nunca em Hawai ou nos Estados Unidos. Restaria averiguar se o Senhor Manuel Nunes, que foi para Hawai, e que, pelo que vemos, foi também construtor de cavaquinhos, pertenceria à estirpe dos velhos violeiros Nunes do Funchal.

(...)

Será o cavaquinho uma espécie que teve outrora carácter de grande generalidade no País, e que se foi extinguindo, subsistindo apenas em manchas dispersas de maior ou menor vulto e importância em relação às formas musicais locais? Ou uma espécie fixada entre nós primordialmente no Minho, donde teria irradiado directamente ou indirectamente para as, ou algumas das, outras partes onde hoje aparece — Coimbra, Lisboa, Algarve, Madeira, Açores, Cabo Verde e Brasil —, encontrando diversa aceitação conforme os casos? Jorge Dias parece inclinar-se para esta segunda hipótese genérica; mas, mais concretamente, considerando o carácter diferente que o instrumento apresenta no Minho e no Algarve opina que ele foi levado para o Algarve por algarvios de regresso da Madeira ou do Brasil — para onde, de resto, foi por sua vez levado por gente minhota. E julgamos que o mesmo se pode entender em relação ao caso lisboeta.

Desse modo, a partir da Província nortenha, o cavaquinho ter-se-ia difundido na Madeira pela via do emigrante minhoto. Longe do seu foco de origem, e por isso menos preso à sua tradição mais castiça, modifica a sua forma por influência de outras espécies ali existentes e mais evoluídas, e às quais ele se teria pouco a pouco associado; e ao mesmo tempo que conserva o seu carácter popular originário, adquire na cidade do Funchal um novo status mais elevado. E é assim que ele regressa ao continente, Algarve e Lisboa, em mãos de gente dessas áreas que o conheceram ali só sob esse aspecto. O mesmo se pode ter passado com o Brasil, embora, neste caso, sejam também de admitir relações directas entre a Madeira e esse País.

(...)

335 Alberto Pimentel, *A Triste Canção do Sul*, Lisboa, 1904, p. 22. Ver Nota 137.

336 Jorge Dias, *op. loc. cit.*, citando Armando Leça, que transcreve Octaviano Sá. Vimos porém que Trindade Coelho, referindo-se a 1870, não o menciona.

337 Jorge Dias, *op. loc. cit.*, atentando na falta de referências ao uso do instrumento nas zonas rurais desta área beiroa, é de opinião que se deve tratar de um instrumento não da Beira Litoral, mas apenas coimbrão, por influência estudantil nortenha. No passado, porém, ele era muito usado ali pelo povo das aldeias, e há que notar mesmo que os violeiros locais o fabricavam.

345 Carlos Santos fala, a respeito das origens do «ukulele» americano, do rajão madeirense na sua forma especial de quatro cordas (ou na de cinco, à qual tivessem suprimido uma), cujo braço encurtaram, passando a ter apenas doze trastos. Isso significaria que ele tem, pelo

menos em certos casos, as características não do braguinha madeirense, mas do cavaquinho minhoto, o que pode fazer pensar em influências deste último, sem porém se saber por que via. Ver Nota 346.

346 Ver John Henry Felix, Leslie Nunes, Peter F. Senecal, *The Ukulele — A Portuguese Gift to Hawaii*, Honolulu, 1980. Antes da publicação deste trabalho, utilizamos, no estudo do assunto, uma carta do cidadão americano G. D. Burchenal (20, Garden Place, Brooklinn, 2 N.Y.C., U.S.A), dirigida a Jorge Dias, e que se conserva nos arquivos do Centro de Estudos de Etnologia, de Lisboa. E também as notícias insertas no Diário de Lisboa, de 19.X.1971, “Origem portuguesa da guitarra havaiana”, e no Diário de Notícias, de ?. XI. 1971, “Saiu de Portugal a guitarra havaiana... chamava-se braguinho”, segundo uma crónica que teria sido publicada no *Jornal Português*, de Oakland (Califórnia). Subsequentemente, entramos em comunicação com o Senhor Leslie Nunes, a quem ficamos a dever informes e esclarecimentos precisos e completos acerca de todo o problema. De acordo com o livro da sua autoria acima citado, foram suas primas Flora e Ethel Cannon, netas de Manuel Nunes, quem ensinou a tocar e popularizou o Ukulele na Califórnia, tendo começado a sua carreira nos EUA na Exposição de San Francisco, em 1915. Ver Nota 345. Karl Geiringer, *Musical Instruments*, 1959, p. 245, nota expressamente de igual modo a origem portuguesa do ukelele havaiano, que os portugueses levaram para as ilhas Sandwich, e que daí foi para os Estados Unidos, regressando destes à Europa, com um novo nome e num contexto diferente.

AC MUSEU CAVAQUINHO 2014.